Paz e Terra

Contos Povoados de Povo

Jairo Anibal Niño

O Sapo, depois de suportar, por anos a fio, insultos, perseguições e vexames por causa de sua feiúra, e, sentindo que o fim de sua vida se aproximava, quis saber que sabor tinha a beleza e assim foi que engoliu uma lindíssima borboleta cor do céu e pôde sentir o maravilhoso prazer da viagem dessas formosíssimas asas azuis em interminável vôo até a flor anfíbia de seu coração (ARTE BELA)

(...) Isto disse você Dom Isaias, na tarde de 14 de março. Olhe agora todo o povo que invadiu sua fazenda. Não se ponha de joelhos. Levante-se como um homem porque vou matá-lo. (OS POSSEIROS)

(...) O condenado, com voz clara e forte, exclamou: — Meu último desejo é que executem o carrasco. (CÓDIGO PENAL)

Jairo Anibal Niño transforma a antiga arte de narrar em um ato moderno. Moderno porque a sua literatura — contos que são poemas — trabalha a linguagem na busca de uma

Jairo Anibal Niño

CONTOS POVOADOS DE POVO

Tradução de
Júlio Cesar do Prado Leite
Ilustrações de
Carlito de Souza

Paz e Terra

© *Copyright by* Jairo Anibal Niño
Contos retirados das edições originais:

TODA LA VIDA
e
PURO PUEBLO

Capa: Fernanda Gomes
Revisão: Henrique Tarnapolsky
Produção Gráfica: Orlando Fernandes

Direitos adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA S/A
Rua São José, 90-18.º andar
Centro-Rio de Janeiro
Tel.: 221-3996
Rua Carijós, 128
Lapa-São Paulo
Tel.: 263-9539
que se reserva a propriedade desta tradução

1983

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Introdução, 7
Das Cronicas da Cidade, 9
As Artes do Vôo, 11
Arte Bela, 13
Amor, 14
Os Posseiros, 15
Das Cronicas do Deserto, 16
O Palhaço, 17
Nascer, 20
As Flores da Vida, 24
A Sede, 26
A Execução, 29
O Despejo, 32
Castor Polux e Polux Castor, 33
Café da Manhã, 35
Requiescat in Pace, 38
Conto, 40
A Imagem, 42
Estória, 43
A Caçada, 44
Vôo de Aguia, 45
O Rei, 46
A Morte de Simbad o Marujo, 48
O Banquete, 50
O Remorso, 51

Filho de Tigre, 52
Adivinhação, 53
Conto de Guerra, 55
A Dívida, 56
Fraternidade, 57
Filme, 58
A Pedrinha de Gude, 60
Metamorfose, 61
Alquimia, 65
A Fera, 66
Ausência, 68
A Vingança, 69
Mensageira, 71
A Febre de Ouro, 72
Náutica, 73
O Burrinho de Barro, 74
A Borboleta Blindada, 76
Entre Nuvens de Cidreira, 80
Espectro, 89
O Mensageiro Noturno, 90
Periélio, 92
O Encontro, 95
Das Cronicas da Cidade, 97
Liliput, 98
A Fonte Eterna da Juventude, 99
Fundição e Forja, 101
Recado para Boris Karlof, 102
A Armadilha, 103
Das Crônicas do Império, 105
A Arte de Escrever Música, 107
Controle de Natalidade, 109
A Fuga, 110
Código Penal, 112
A Casa de Ouro, 113

INTRODUÇÃO

Jairo Anibal Niño é o mais importante dos contistas contemporâneos da Colômbia. Seu livro "Puro Pueblo" já alcançou três edições; "Zoro", I Prêmio Nacional de Literatura Infantil, está em segunda edição e "Toda la Vida" vai agora a nova impressão.

Os contos de Anibal Niño são pequenos poemas. Neles é saliente o jogo de cores.

Em rápidas pinceladas, em muito curto espaço gráfico, o jovem contista colombiano compõe cenários inteiros onde as estórias, do início ao desfecho, podem se centrar com naturalidade e sem perder, de modo algum, a força de mensagem.

A divulgação no Brasil da obra de Anibal Niño poderá contribuir para abrir novas veredas em nossa literatura porque além da beleza de que é impregnada ela aponta o caminho concreto da concisão, tão necessária ao tempo moderno.

É preciso acrescentar que a extraordinária economia de palavras não fez a arte de contar sofrer qualquer dano. O

estilo de Anibal Niño, extraordinariamente criativo, alia momentos de extrema ternura ao agudo fio de uma navalha. Assim, ao tempo em que comove o leitor em pungentes e amoráveis quadros de sensibilidade humana coloca na sua pena toda dureza na denúncia da luta surda do humilhado contexto latino-americano contra a crueza do imperialismo. Algumas de suas narrativas estão impregnadas de insopitada revolta e nelas reponta sempre, por mil expedientes criados pela imaginação do autor, o sentido da esperança e a certeza que o povo segue indomado e não se deixa humilhar.

DAS CRÔNICAS DA CIDADE

Ninguém prestava atenção a ele. Empurravam-no, pisavam-no, fechavam as portas em sua cara. Aquele dia permanecera horas inteiras esperando que o funcionário escutasse todas as verdades que ele gostaria de dizer. Teve, porém, que ir embora, quando todos saíram da repartição e ele percebeu que era noite e ainda estava sentado no mesmo banco de espera.

Quando, madrugada a dentro, chegou à sua casinha de latas e pedaços de papelão, e quando viu ao longe a cidade, as suas luzes parecendo um rio de leite, disse a si mesmo:

Não te desesperes. Tudo mudará quando deixares de ser invisível.

As Artes do Vôo

AS ARTES DO VÔO

E Omar Khayam pegou um pombo-correio, atou a uma de suas patas um pequeno tubo de prata em cujo interior ia uma mensagem de amor para Mirta, e, para que voasse, lançou-o aos ares.

Os inimigos de Omar viram sair o pombo da casa das estrelas e mais de uma dúzia de arcos lançaram suas flechas para o céu. Uma delas atravessou a ave.

Mas o pombo havia sido adestrado nas artes do vôo e da coragem e Mirta, em sua distante casa da montanha, viu chegar ao pequeno pombal defronte à sua janela uma flecha ensangüentada, com o corpo morto e coberto de neve daquela ave mensageira.

Arte Bela

ARTE BELA

O sapo, depois de suportar, por anos a fio, insultos, perseguições e vexames por causa de sua feiúra, e, sentindo que o fim de sua vida se aproximava, quis saber que sabor tinha a beleza e assim foi que engoliu uma lindíssima borboleta cor do céu e pôde sentir o maravilhoso prazer da viagem dessas formosíssimas asas azuis em interminável vôo até a flor anfíbia de seu coração.

AMOR

José Trinidad Estrella, o exímio marinheiro de Boaventura, soltou as amarras das palavras do desejo e deixou que, como flechas, elas entrassem orelha a dentro da amada e suas mãos empreenderam, então, a maravilhosa e perturbadora viagem pelo corpo da mulher. Navegaram pelos sete mares da pele e naufragaram em um oceano profundo e doce. Mas, como nadadoras sábias e fortes, deram braçadas por debaixo de todos os estremecimentos e, quando estavam a se afogar, emergiram jubilosas, sobre os dois magníficos ilhotes dos seios da amada. Uma coisa, porém, é certa: ele somente anotou em seu caderno de viagem a exata rota da entrega, quando a mulata lhe ofereceu como presente a perfumada rosa dos ventos.

OS POSSEIROS

Tomara eu ver. E lhes disse claramente que se voltassem a arrancar as cercas iriam pagar muito caro. Não somente romperam os arames para que suas vacas magricelas devorassem meus melhores pastos como agora invadiram este lado da fazenda e tiveram a audácia e falta de vergonha de armar seus barracos e começar a escavar o que não lhes pertencia. Com este governo e comigo não se brinca. Preparem-se e vão rezando suas orações, José del Carmem Cifuentes e Timoleón Zapata e você ainda, Carmelito Herrera, que não passa de um cachorro leproso e que se converteu também em invasor. Até aqui vocês chegaram. Mas desta vez a tropa e eu haveremos de lhes surpreender na madrugada.

Isto disse você, Dom Isaías, na tarde de 14 de março. Olhe agora todo o povo que invadiu sua fazenda. Não se ponha de joelhos. Levante-se como um homem porque vou lhe matar.

DAS CRÔNICAS DO DESERTO

E assim foi que o obeso sultão, extraviado no deserto escaldante, ordenou a um escravo que se colocasse frente ao sol para que ele se abrigasse à sua sombra. Mas o escravo era tão fraco que o seu vulto projetou apenas um tênue e estreito fio sobre as areias incandescentes.

Tomando um chicote em sua mão e brandindo o seu sabre encurvado na outra, o sultão obrigou aos demais a que avançassem em grupo compacto para que o protegessem do sol calcinante.

Ao fim de tudo, o grupo de escravos se salvou, protegido pela enorme e fresca sombra do corpo degolado do sultão.

O PALHAÇO

O sátrapa arremeteu seu cavalo sobre o pequeno mundo do palhaço das ruas.

A golpes de sabre, entre gargalhadas estrondosas, os oficiais de sua guarda destroçaram um boneco que falava e, entre os cascos do cavalo do tirano, o corpo sem vida do filho do palhaço parecia envolto nas piruetas da risada, abatido na metade do caminho do giro de uma cambalhota.

O palhaço levantou em seus braços o corpo do filho e o colocou ao lado dos despojos do boneco que falava. Em seguida olhou a cara do déspota e sorriu.

— Senhor, exclamou o palhaço.

— Que quer você?

— Meu filho e meu boneco foram mortos.

— E daí?

— Será muito difícil agora para mim ganhar a vida.

O assassino lhe lançou uma bolsa cheia de moedas.

— Não é dinheiro o que desejo, senhor, disse o palhaço

Fez uma pausa e acrescentou:

— Por favor, eu lhe imploro, deixe-me ficar a seu serviço.

O sátrapa observou aqueles olhos de cachorro manso, aquelas mãos entrelaçadas sobre o peito, o tremor do animal apavorado e gritou:

— Está bem! Você me divertirá de vez em quando.

O palhaço da rua se converteu no bufão do palácio. Durante as festas fazia rir aos convidados com suas narrativas e suas acrobacias.

Um dia, um dos subsecretários mandou chamar o palhaço e lhe disse:

— Amanhã é o dia do aniversário de nosso chefe. Quero que prepare algo muito especial para a festa.

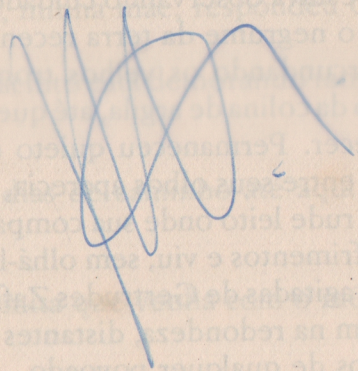
Desmanchando-se em rapapés humildes, o palhaço respondeu:

— Está certo, eu o farei. Apresentarei a pantomima mais engraçada de todos os tempos.

Como surpreendido pela firmeza de sua resposta, refugiou-se em um balbucio desarticulado até que em meio de risos falou apressadamente:

— É uma maravilha de humor. Faz meses que a venho preparando.

No dia seguinte, em plena festa, o palhaço riscou de sua cara e de seu corpo todo o rastro de submissão e em seus olhos brilhou uma chama de infinita altivez e nobreza, quando observou o cadáver do tirano e comprovou que o havia matado de tanto rir.



NASCER

Através da pequenina janela era possível ver as montanhas coloridas de um lilás intenso e o verde dos laranjais que tremeluzia como se eles estivessem cobertos por uma capa aureolada formada pelas gotas de orvalho transparente. O homem estava observando cuidadosamente as cores do alvorecer, o negrume da terra recentemente arada, as trepadeiras circundando os velhos troncos, o rosado do céu, o amarelo da colina de argila, até que o grito da mulher o fez estremecer. Permaneceu quieto e seguiu olhando para fora. Por entre seus olhos aparecia, porém, a imagem do pequeno e rude leito onde sua companheira recebia os açoites dos sofrimentos e viu, sem olhá-los, o rosto de sua mãe e as mãos agitadas de Gertrudes Zafra, a única vizinha que eles tinham na redondeza, distantes que estavam tantos quilômetros de qualquer povoado.

Há três dias e três noites que as duas mulheres estavam vigiando o parto do primogênito. Ainda na mesma posição o homem ouviu outra série de gemidos afogados e sentiu uma recôndita vergonha como se estivera descobrindo um segredo terrível, porque ela jamais se havia queixado, nem quando da grande seca que dizimou a plantação, nem quando caiu de cama com as sezões de frios e

febres, nem quando da morte de seu pai. Era uma mulher que, nestas lonjuras, o acompanhava serenamente com o seu rosto ao mesmo tempo duro e doce, com esta fisionomia parada que o fazia recordar a imagem de "Blanquita", uma velha égua de grande estimação, e as lembranças confusas compartilham o mesmo leito de dor, tinham uma mesma força, e, sem que pudesse evitar voltavam outra vez a seu pensamento os olhos quietos da boa égua no dia em que quebrou suas patas e ele teve que matá-la e o animal, ao sentir a faca amolada, nada disse, simplesmente permanecera parado olhando para ele com aqueles olhos grandes e aguados, com seus inesquecíveis olhos de cachorro manso.

— Miro, tome este cafezinho, disse a velha.

— Obrigado, minha mãe, respondeu o homem.

— Por que Jacinto está demorando tanto? perguntou a velha.

— São dois dias de caminho até aqui, mãe, disse o homem.

— Deus permita que venha com o médico, murmurou a velha.

— Deus permita, disse o homem.

A parturiente puxou as mantas até seu rosto e gritou outra vez e parecia que o alarido vinha das profundezas de uma lagoa de lã. O homem esfregou os dedos no próprio rosto e permaneceu imóvel, desalentado frente à paisagem. As colinas mostravam agora uma festa de verdes, pardos e vermelhos-sangue e o pequeno monte que nesta hora

tem árvores azuis soltou, em um sopro bem visível, os eflúvios do perfume úmido da resina.

— Miro, saia um instante, disse a velha.

— Parece que agora a coisa vai. Exclamou Gertrudes Zafra.

O homem saiu e o frio caiu em cheio em toda a pele de seu corpo. Caminhou até o pequeno riacho de águas de vidro e ficou contemplando a corrente que descia com alegria. Um cardume de pequenos peixes alaranjados fazia piruetas na parte mais profunda e logo desapareceu como se a transparência o tivesse tragado.

Recostou-se no tronco do pinheiro bem alto e deixou que a umidade que o pasto havia recolhido durante a noite empapasse suas pernas. Viu calmamente o ir e vir das galinhas com sua plumagem cinza e a imagem de um caranguejo que fugia veloz em seu corpo desajeitado como se fora uma pedrinha viva. Um pássaro começou a cantar e era como se a árvore tivesse aprendido a trinar. O canto foi interrompido pela voz da velha. O homem se levantou e caminhou com rapidez até a porta da casa onde o esperava a velha, com um embrulho de panos nos seus braços.

— É uma filha, disse a velha.

O homem abriu suas mãos calosas e tomou com extremo cuidado a pequena criatura.

— Miro, tenho que lhe dizer uma coisa, sussurrou a velhinha.

— Que coisa? disse o homem.

— Maria Rosa morreu.

O homem não disse nada. Caminhou devagar até o riacho, recostou-se no tronco do pinheiro, vislumbrou o correr das águas e começou a chorar. Era um pranto forte como se quisesse vomitar em cascata a dor que acumulara em toda a sua vida. Sentia palpitar o corpinho da recém-nascida como se estreitasse nos braços uma víscera de seu próprio corpo.

De repente, a pequenina fez um gesto com os lábios e o homem, com uma voz de profunda e rouca ternura, lhe disse:

— E você, sua malandra, de que está rindo?

AS FLORES DA VIDA

E o Rei David, atemorizado pela velhice que chegava, buscou por todos os meios algo que o permitisse recobrar sua juventude.

Um médico muito sábio lhe deu o remédio maravilhoso: tinha que achar uma mulher ainda não totalmente madura, bela, com olhos como pombas, com o talhe de palmeira, com um umbigo que fosse um recipiente perfeito para nele beber gotas de vinho brilhante e com dois peitos como as crias gêmeas de uma gazela. Teria que fazê-la sua mulher e dormir com ela. O contato dos dois corpos no amor e no sonho faria que a juventude da mulher contagiasse a suas curtidas carnes do calor, da resplandecência e da força dos verdes anos.

A jovem foi procurada por terras e mares até que um dos emissários de David a encontrou apascentando um rebanho de cabras em um monte da Palestina.

O Rei David juntou-se com a mocinha e efetivamente começou a sorver-lhe a idade. Mas ocorreu que enquanto mais jovem se punha ele, mais velha amanhecia ela. David rejuvenesceu tanto e a donzela envelheceu de tal maneira

que outra vez se repetiu o prodígio e foi ela que começou a sorver sua juventude até que recobrou a adolescência.

E o Rei David se enamorou profundamente da jovem, e como não se sentiu capaz de tirar-lhe outra vez a juventude ordenou que a levassem a uma longínqua aldeia do Líbano.

Viu que partia, com lágrimas nos olhos.

Meses depois, o Rei David em uma torre do palácio, aspirava agoniado o perfume dos lírios que vinha dos vales e tratava desesperadamente de rejuvenescer com a só lembrança de suas lembranças.

A SEDE

O carro do Governador levantava uma nuvem de pó alaranjado e às vezes, como um fantasma rosado, um cactus solitário aparecia na beira do caminho.

— Pare naquela entrada, resmungou o Governador.

— Aonde? — exclamou o chofer.

— Naquela casinha ali tem uma venda. Tenho sede.

O carro se deteve e um dos homens da escolta, abrindo a porta do carro, balbuciou:

— Vou trazer algo para beber, senhor.

— Não, replicou o Governador. Espere-me aqui, não sou um inválido.

O Governador desceu do automóvel e seus olhos verdes contemplaram o passo fatigado de um escaravelho, o salto mágico de uma lagartixa, a carreira sem rumo de um cachorro amarelo e o ambiente de pobreza do pequeno casebre. Sorriu quando leu o letreiro que vinha em cima da

porta: "Brisas do Mar". Que coisa estranha se passa com essa gente — pensou — aqui não há brisa e muito menos mar.

O carro brilhava como um inseto de ouro curvado pelo sol.

O Governador penetrou no interior penumbroso da tenda e viu uma jovem mulher que estava a descascar batatas de maneira tão perfeita que a casca se estirava em forma de espiral até cair no solo como um caracol derretido.

— Bons dias, disse o homem.

A mulher não respondeu e seguiu em sua faina como se não o houvesse visto.

— Me venda algo para beber, disse o homem.

— Não tenho nada, respondeu a mulher.

— Acho bom que encontre algo. Sou o Governador.

— Eu sei.

— É melhor que não busque problemas, disse o Governador. E acrescentou: — Você sabe como trato aqueles que estão contra o Governo.

— Eu sei.

O homem lançou uma espiada sobre a estante de madeira onde se empilhavam uns panos velhos, umas panelas e uma caixinha de papelão com analgésicos, um pacote de

velas, uns rolos de fumo e várias caixinhas de fósforos. Em um canto descobriu a garrafa de vinho doce. A mulher notou o brilho nas pupilas do Governador e, de revés, deu uma olhada no frasco.

— E esta garrafa? exclamou o Governador.

— Não é para vender, disse a mulher. E continuou: — Você pode ser o Governador, mas aqui em minha venda mando eu e não lhe vou vender.

— Já veremos, disse o homem.

O Governador avançou violentamente e agarrou a garrafa na estante. Com os dentes, tirou a rolha e, com ela na boca, resmungou:

— Dê-me um copo.

A mulher se levantou e lhe estendeu com rapidez um copo de vidro grosso. O Governador o encheu e bebeu de um trago. Quando sentiu o sabor amargo na linha dos lábios, ouviu a mulher que lhe dizia:

— Eu lhe disse que não era para vender. É o veneno que usamos para matar os ratos que comem os pés de milho.

A EXECUÇÃO

O cavalo galopou por entre o mato crescido e seu montador navegou por entre aquelas espumas amarelas enquanto segurava com sua mão esquerda seu chapéu branco. Recortado no tronco do jenipapeiro, o velho contemplava a aproximação do cavaleiro, as crinas do cavalo por entre as flores das espigas, a garupa como uma delgada linha fulgurante de suor.

Quando as figuras desembocaram daquela touceira, como um lago de ervas, o homem a cavalo olhou o velho, moderou o passo puxando as rédeas e se acercou em trote. Nesse momento recebeu o disparo na metade do peito. O cavalo seguiu ao largo, reiniciou o galope com o morto nas costas e se internou outra vez entre as altas espigas.

O velho apoiou contra o tronco a espingarda de chumbo grosso e permaneceu imóvel até que o cavalo e o finado fossem apenas uma ondulação amarela no horizonte.

Logo se deixou abater no solo sobre as folhas mortas e se pôs a pensar que talvez tivesse sido melhor falar com ele antes de disparar, apertar o gatilho depois de uma necessá-

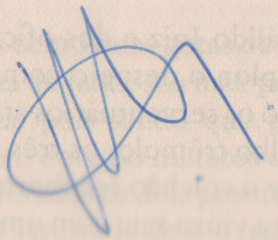
ria conversa. Talvez lhe tivesse dito o que houve, e ele teria contestado: — é isto aí, é da vida! Teria descido do cavalo e seguramente exclamado: — Como vai a velha? E ele ainda teria considerado em voz mansa: — não mais trabalhando, a pobre... E logo, com toda a certeza, haveria de agarrar uma espiga entre os dentes como era seu costume e, metendo a mão no bolso como se o quisesse afundar, teria acrescentado: — leve-lhe este dinheiro; sei que lhe faz falta. E teria dito: — tome aqui, é de muito boa vontade, agora estou cheio das pratas. Por minha parte, já sei. Certamente eu o haveria contestado: — sei que o exército lhe paga muito bem por suas denúncias; guarde seu dinheiro; não o queremos. — Não seja bobo, teria retrucado; pelo dinheiro dança o cachorro; eu cumpro com o dever e saiba o senhor enquanto eles não se levantarem contra os patrões nem contra o governo, a ninguém acontecerá nada. Mas aí então, eu mesmo o haveria contestado: — isto aqui vai se transformar num cemitério! Aí ele me teria olhado com os olhos brilhantes que sempre tinha, antes que começasse a rir às gargalhadas. Não. Foi melhor disparar sem haver dito nada.

O velho se ergueu e sentiu uma dor em todo o corpo, um apertão no peito, como uma punhalada que o fez soluçar.

Tomou sua velha espingarda de chumbo grosso e começou a andar pelo caminho de barro.

Quando chegou em seu barraco, sua mulher estava remendando a calça azul de zuarte. Deixou a agulha quieta brilhando no ar e o olhou no rosto. Não disse nada. Quase nunca dizia nada. Mas nos seus olhos brilhantes pelas lágrimas, ele sabia que ela estava falando com ele.

— Miguel, exclamou, por fim a mulher: no pote há água fresca. Você deve estar com sede. Sei que você acaba de matar nosso filho.



O DESPEJO

Detrás do pálido Juiz e dos oficiais de justiça o proprietário contemplou o despejo com um olhar enviezado de jacaré. Quando os serventuários atiraram na rua o armário com seu espelho trêmulo, os três tamboretes, as panelas amarelecidas e o colchão recoberto com a colcha de retalhos, e, quando a viúva saiu com um pacotinho nas mãos, o proprietário penetrou com ar triunfal em sua propriedade.

Ali, na metade da peça deserta um gato o olhava fixamente. Era formoso e forte e ele pensou que o gato deveria ser seu, porque estava em uma de suas propriedades e sendo assim ele deveria ter todo o direito de confiscá-lo para ressarcir, ao menos em parte, os prejuízos decorrentes do não pagamento dos aluguéis pela inquilina.

Muitos meses depois, o proprietário, sua mulher e sua filha morreram horrivelmente despedaçados.

Só quando estava a sumir na boca de sua ferida mortal, soube que o gato era, na verdade, um tigre de guarda.

CASTOR POLUX E POLUX CASTOR

Eram idênticos como duas gotas de suor. Quando nasceram na fria casinha de latas, sua mãe pensou que a maldição bíblica era certa, pois sentiu que parir este filho lhe doera como se fossem dois. Só minutos depois, viu sobre as mantas de lã engorduradas os dois pontinhos choramingantes e olhando a cara assustada de seu marido sussurrou entre a ternura e o espanto:

— São gêmeos.

Nem sequer ela soube nunca de certeza quem era Juvenal e quem era Joaquim. Aliás, sempre suspeitou, que naquela manhã do batizado, o padre se havia confundido e batizou a Joaquim como Juvenal e a Juvenal como Joaquim.

Os anos passaram com seu caminhar de cão vadio por entre a chuva e surpreenderam aos irmãos indo todas as manhãs ao centro da cidade e apanhando a quatro mãos, cartões, papéis e restos de comida. Os poucos centavos ganhos desta maneira floresciam de vez em quando, na fumegante sopa de farinha de milho.

Uma noite subiam os dois homens com suas duas sombras, quando, das geladas trevas, saiu a ponta de um punhal e se cravou no coração de um deles.

No dia seguinte numa tendinha do bairro, encolhido e silencioso, o bebedor de cerveja se isolava em um canto, exalando dor. Quando a mulher se acercou dele, ele a olhou com olhos marejados e abrindo seu paletó mostrou sobre o peito a profunda ferida de punhal e exclamou:

— E como quer que eu esteja passando bem, comadre, se toda a vida fomos perseguidos pela miséria, e se à noite me mataram de uma punhalada, e se esta tarde, estando ele com boa saúde, enterraram meu irmão?

O CAFÉ DA MANHÃ

Este leite tem nata.

— E daí?

Você sabe que eu não gosto de nata.

— Tire a nata com a colher e me deixe quieta.

Mas ele está frio!

— Não se conforma com nada, pô!

Não é isso. Você sabe que as natas me dão repugnância.

— Você está impossível ultimamente. Ninguém agüenta você.

Sou o mesmo de sempre.

— Não. Você mudou muito. Por qualquer coisa se enfurece.

Não quero sermões.

— Só faltava esta. Olhe lá quem gosta de sermões.

Vê se cala. Você não faz mais que dizer besteiras.

— As crianças já nem vêem você.

Tenho que cuidar de assuntos mais importantes.

— Pra que? Nem sequer reconhecem o seu trabalho noturno, nem lhe pagam adicional. Você deveria renunciar.

E em que trabalharia? Não sei fazer outra coisa.

— Bem que você poderia proclamar sua independência. Poderia se estabelecer, à conta própria, com algum negócio.

Você está louca.

Uma campainha começou a soar e o homem olhou pela janela a árvore amarela do pátio. Sentiu como um rumor longínquo de animais em marcha e seus olhos azuis se encheram de um estranho fulgor. Sorveu com rapidez os restos do café e se levantou como impulsionado por momentâneo lampejo de energia. A mulher se ajeitou no tamborete e disse:

— Não esqueça sua maleta. De noite lustrei o peitoril e sacudi o pó da tiara. O báculo está detrás da porta.

O Pontífice Romano beijou de passagem sua mulher nos lábios e saiu apressado, com o pressentimento de que esta manhã iria perder o ônibus que passava exatamente às sete e um quarto por Castelgandolfo.

REQUIESCAT IN PACE

Quando apareceram os proclamas anunciando a morte de Evelia Gálvez, todo mundo começou a rir.

Quando o caixão saiu da igreja, a multidão esteve a ponto de soltar uma gargalhada.

A família Gálvez, a mais rica do lugar, a mais ilustre, a de melhor linhagem, a que tinha tanta terra que suas fazendas chegavam até às fronteiras das mais longínquas províncias, representada por uma vintena de seus membros, desfilava em meio do pranto e dos fumos de luto.

O enterro, precedido por três padres vestidos de preto e com as vestes ornamentadas com fios de prata, avançava sob os acordes de uma marcha tocada por uma orquestra trazida especialmente da capital.

Quando dona Judith de Gálvez deu um gemido de dor e desmaiou nos braços de seu filho mais velho, a multidão deixou escapar um coro de risinhos nervosos.

Quando o caixão baixou ao fundo da cova, o ato foi recebido com um murmúrio jocoso por parte de um grupo

de amansadores de cavalos. Os padres olharam para eles com olhos de indignação e elevaram suas vozes até o paroxismo recitando o ritual dos defuntos.

Quando Adela Gálvez, a irmã menor, se desprendeu dos braços de seu pai e com seus olhos banhados em lágrimas olhou até os céus e exclamou: Senhor, por que a levaste, querida irmã por que te foste, a multidão riu a bandeiras despregadas.

Os padres precipitaram o final da cerimônia fúnebre e a família Gálvez desfilou transida de dor.

E a gente do lugar fez do acontecimento motivo de festa por muito tempo, porque desde o princípio sabiam que o que estavam enterrando naquele dia, era um caixão cheio de pedras do rio, porque Evelia Gálvez não estava morta, mas sim fugira com José Maria Sandoval, um chofer de caminhão que sempre passava pelo vilarejo.

CONTO

E o Rei, do alto de sua carruagem dourada tirada por seis briosos cavalos, perguntou:

— De quem são estas terras?

Do Marquês de Carabás, responderam em coro os camponeses.

Umas léguas mais adiante, perguntou:

— De quem são estes maravilhosos campos de trigo?

Do Marquês de Carabás, responderam os camponeses ceifadores.

Ao entardecer, o Rei com voz emocionada, interrogou a uns moleiros que avançavam pela estrada com grandes cestas nos ombros:

— De quem são estes esplêndidos moinhos?

Do Marquês de Carabás, responderam.

No outro dia, apenas iniciaram o retorno, a carruagem real começou a ser apedrejada por multidões que tomavam toda a estrada.

O Gato de Botas serviu em uma taça de ouro cravejada de esmeraldas um pouco de licor para que o pálido e trêmulo monarca tomasse um gole. Logo depois ele botou a cabeça para fora da janela e perguntou:

— De quem são estes esplêndidos moinhos?

Dos molineiros, respondeu a multidão.

Depois de várias léguas procurando escapar, indagou:

— De quem são estes maravilhosos campos de trigo?

Dos segadores, responderam.

Mais tarde, envolvidos no torvelinho da fuga, perguntou novamente:

— De quem são estas terras?

Dos camponeses que a trabalham, exclamaram os lavradores.

Então, o Gato de Botas, cheio de espanto, deu-se conta — demasiado tarde — de que o meteram em outro conto.

A IMAGEM

O tirano uivou de raiva quando viu os quadros pintados pelo artista Ramón Colorado. Deu-se conta de que aquelas figuras eram perigosas, que aquelas imagens contribuíam a fomentar a desordem pública e a sublevar os trabalhadores e camponeses. Ordenou à sua polícia secreta que o eliminasse. Ramón Colorado, avisado a tempo por um trabalhador infiltrado no palácio, pintou com diligência e sabedoria nas paredes exteriores de sua casa dezenas de portas e janelas.

Quando chegaram os assassinos, não souberam qual era a porta verdadeira e, assim, nunca conseguiram entrar.

ESTÓRIA

Ontem pela tarde foi retirado das antigas águas do Mediterrâneo o corpo petrificado de Ícaro.

Ao ser colocado sobre a coberta do barco suas asas metálicas, limpas e poderosas, lançaram uma erupção de luzes quando foram tocadas pelo sol dos desfiladeiros.

Suspeita-se que a afirmativa de que Ícaro usava asas de cera foi propalada por seus assassinos.

A CAÇADA

O caçador rastreou o tigre até que não lhe deixou outra possibilidade senão a de se pôr frente à frente. Quando se defrontaram, o caçador, seguindo as lições de seu pai e de seu avô, aguardou com a lança na mão que a fera se acercasse pouco a pouco e assim permitiu, entre o suor e o temor, que o animal cheirasse seu pé e, finalmente, esperou que o tigre estancasse de vez e erguesse, imponente, suas duas patas no ar para matá-lo de homem a homem.

VÔO DE ÁGUIA

Os trabalhadores metalúrgicos, de maneira solene e com plena representação dos trabalhadores de seu país, entregaram ao tirano Zolio Rangel um avião reluzente como presente de aniversário.

Rangel subiu na aeronave, colocou-se frente aos comandos e levantou vôo. A dez mil pés de altura ouviu um ruído agudo de algo que se rasga e, quando caía em vôo picado na direção da terra, descobriu no redemoinho da vertigem que a nave era de papelão prateado, que o avião era falso.

O REI

Era uma vez um Rei que, montado em seu cavalo de trote, vestindo sua negra armadura de ferro, levando no cinto a espada matadora e estendendo no ar como uma mão amarela seu manto de seda, cavalgava pelas horas do entardecer já nas primeiras sombras da noite. A pouca distância o seguiam os outros cavaleiros em um cortejo tão compacto que parecia uma gigantesca malta, metálica e ondulante como trigo, de malfeitores.

Todos se meteram na noite.

Tinham desejo de chegar ao porto para castigar os sublevados, para afogar em sangue o atrevimento daqueles que haviam levantado sua mão contra a autoridade do Rei, e para calar para sempre aqueles que propugnavam as mais escandalosas e absurdas idéias de igualdade.

Meteram-se definitivamente na noite e galopavam, galopavam entre umas sombras espessas e a chuva e a névoa cavalgaram com eles naquela que lhes pareceu uma noite interminável.

Quando pouco a pouco saíram para o amanhecer, descobriram a presença do porto. Esporearam os seus fatigados cavalos, penetraram pelas ruas desertas e desembocaram em uma praça com um estranho monumento no centro.

Um pescador apareceu em uma esquina com um xaréu domado na mão. Os cavaleiros o rodearam com seus animais. O Rei arremeteu seu cavalo em cima e o pescador estatelou-se no chão. O homem caído e desde o solo olhou para cima com olhos iracundos e recolheu o peixe que parecia uma meia lua cheia de pó.

O Rei puxou as rédeas de seu cavalo e disse:

— Levante-se bastardo. Eu sou o Rei!

— O Rei? perguntou o pescador.

— Sim, respondeu o que estava montado. E acrescentou: Sou Rodrigo VIII, pela Graça de Deus!

O pescador soltou uma gargalhada tão sonora que os cavalos se moveram nervosos.

— De que estás à rir, ó palhaço?

O pescador limpou suas lágrimas cansadas pelo riso e disse:

— Neste porto se conhece uma velha lenda, que até virou cantiga de roda, e que diz que o Rei Rodrigo, com seus cavaleiros, gente cruel e perversa, saiu a combater o povo que se havia levantado em armas e que desapareceu, sem deixar vestígios, em uma noite escura e sem lua há quatrocentos anos atrás...

A MORTE DE SIMBAD O MARUJO

Quando Omar Khayam entrou no pequeno quarto onde agonizava o velho Simbad encontrou uma multidão de médicos e sacerdotes rodeando o leito do moribundo. Omar se deu conta de que o murmúrio das orações, os ungüentos e o barulho estridente dos tafetás eram um horrível suplício para Simbad; emitindo o grito dos cavalgadores do deserto a todos expulsou a chicotadas.

Simbad o olhou com olhos de brilhante agradecimento e sorriu.

— Bem-vindo sejas, disse o marinheiro.

— O mar me foi propício e favoreceu-me para que viesse a ver-te, disse Omar.

— Que dizem as estrelas sobre meu destino? sussurrou Simbad.

— As do céu, simplesmente brilham, e ensinam e enfeitam os sonhos dos homens; as de teus olhos dizem que logo tu vais morrer, disse Omar Khayam.

— Eu sei, exclamou o velho.

— Vais empreender a viagem da qual nunca ninguém voltará, disse Khayam. E acrescentou: — Quero que teus últimos minutos estejam acompanhados pela vida. Por isso te trouxe este ramalhete de rosas vermelhas de Mileto, esta belíssima morena do Líbano e esta ânfora de vinho.

Simbad estreitou as mãos de seu amigo, beijou-o na fronte, aspirou a fragrância das rosas, bebeu um pouco de vinho, provou da pele da morena e sentiu que seu esqueleto era um veleiro branco e sereno que se fundia para sempre no mar sem fundo de seu sangue.

O BANQUETE

— Um pouquinho mais de assado? Veja, aí está outro copo de cerveja bem gelado e com espuma farta como você gosta.

— Um pouco mais de molho? Ora, velho, não se faça de rogado, meta o dente na pimenta. Mais cerveja? Veja, seu prato está vazio aqui do lado, ponha nele um pouco de aipim que está macio como algodão. Coma; não tenha nojo. A comida vem da parte de gente pobre, mas é limpa. Esteja à vontade.

Porque está fazendo isto, Isidro Tibacáu?

— Veja. Apesar do ódio que lhe tenho, de todo o sangue que nos deve, esta manhã decidi, não sei porque, que seus últimos momentos deviam ser bem agradáveis.

O REMORSO

Ninguém nunca soube que Noé, mordido de remorsos e buscando desesperadamente esquecer, caiu numa tremenda bebedeira porque naquele dia cinzento em que a fome e o desespero inundaram a arca, ele, no canto mais escuro da adega de bordo havia devorado o casal de animais refulgentes e de coração dourado, não só capazes de cantar mas com a esplêndida faculdade para contar estórias por meio da dança. Eram os animais mais belos do mundo.

FILHO DE TIGRE

— Que queres ser quando cresceres? perguntou o tirano a seu filho.

— Quando crescer quero ser o que tu és.

Assim dito, o General mandou matar imediatamente o filho, porque sabia que se o deixasse crescer, o malandro forçosamente o assassinaria para tomar o poder para si

ADIVINHAÇÃO

O assessor norte-americano capturado quando esgueirava-se em sua fuga pelo grande salão dos espelhos, foi conduzido entre uma dupla fila de folhas de aço até o pátio do palácio. Ali viu dispersas as peças do grande quebra-cabeças de papelão-pedra que tanto assombro e terror causava quando era armado nas datas de festa nacional.

Pressentiu uma luz de salvação se armasse o terrível jogo e percebeu que sua vida estava em jogo naquele jogo. Então, ante o olhar impassível dos camponeses, começou a acoplar as diferentes peças e pouco a pouco foi surgindo, como por artes de magia, a figura violácea de um torturador. Os pés envoltos em botas envernizadas, a farda verdolenga, as condecorações refulgentes, a faixa perspassada pelo largo tórax com um patriótico letreiro em português. Contemplou a figura extravagante até os ombros. Logo, porém, deu-se conta de que a última peça que faltava não estava no pátio. Procurou-a nos sótãos, debaixo da cadeira presidencial, nos baús das prostitutas, nos armários perfumados de cidreira e alfazema, na capela colonial.

Ao cabo de algum tempo de inútil busca, de pé e ao lado de sua inconclusa escultura, o assessor norte-americano exclamou:

— Falta a cabeça! Não a encontrei em parte alguma.

Como você é distraído — disse um camponês levantando seu machado — nem notou que a leva sobre os ombros.

CONTO DE GUERRA

Fora! Tirem esses meninos daqui!

— Sim, meu tenente.

Que tragédia. Não viram que há um morto aqui?

— Sim, meu tenente.

E ficamos todos do lado de fora, frente à escola pois não o colocaram em nenhuma casa e sim o trouxeram para a escola e o puseram sobre as carteiras da sala de aulas, sobre as tábuas cheias de paisagens feitas com navalha ou canivete. Pálido, não parecia um morto pois estava com uma cara como se estivesse a pensar, como quando apareceu nos cartazes onde se dizia que davam uma boa porção de moedas por este guerrilheiro vivo ou morto. Quando o tiraram não pudemos, porém, agüentar a risada e o tenente nos olhou e também riu, só que ele não sabia que estávamos a rir porque tínhamos visto o guerrilheiro caminhar tranqüilamente na sala e que o que iam enterrar era sua alma, porque seu corpo altivo nos esperava na porta da escola.

A DÍVIDA

Todo encolhido, tratando de abrigar com a manta de lã crua seus ombros caídos, o homem de pele avermelhada e olhos azuis sentiu que o ar tomava a dureza da garra ou do dente pontiagudo, quando o grupo de homens armados rodeou seu leito de algodão e permaneceu tranqüilo, quieto, olhando-os.

Estremeceu, quando um homem, que parecia trabalhador do mar, disse: Este nunca nos poderá pagar o mal que nos fez.

— Equivoca-se, companheiro, exclamou outro, que parecia um mineiro de Amagá, o qual, avançando, colocou uma foice sobre a pele arrepiada do homem pálido e acrescentou: O Presidente da República sempre andou dizendo que o Embaixador dos Estados Unidos tinha um coração de ouro.

FRATERNIDADE

Um tigre e sua tigresa foram escolhidos por Noé para ocupar um lugar na arca. O tigre rogou a Noé que deixasse levar seu irmão. Noé disse que era impossível porque Deus tinha proibido. Quando a arca navegava nas ondas enfurecidas, o tigre tranqüilo no convés, parecia sorrir. Nem Deus, nem Noé souberam nunca que o tigre, para poder levar seu irmão, o havia devorado um dia antes de entrar na arca.

fraternidade sim!
violência não...

FILME

Os faróis amarelos de um chevrolet preto iluminam um grupo de trabalhadores que esperam atrás de uma barricada com uma serenidade que dá mais medo que o medo. Abre-se a porta do carro e a primeira coisa que se vê é uma alta bota preta de cano longo. Em seguida, aparece a cara. É o general que sai na primeira porta e que sobe correndo a escada de ferro e faz um ruído espantoso de latas que se esparramam. Elisa me pede mais pipocas mas eu só tenho nas mãos o saquinho vazio. Ela escancara e consegue esparramar em suas mãos uns grãos de sal que ficaram bem no fundo. Na escuridão posso ver sua língua como um animalzinho úmido entrar e sair num chapinhar sonoro e suave. Na tela aparece outra vez o general, primeiro as botas, em seguida o tronco e depois, lentamente, o resto do corpo. Sobre o uniforme tem um casaco não militar, desses de pano grosso que se chama pele de camelo. Tem um chapéu de feltro como os Borselinos que se vendia no povoado Don Ciro Robles. Essas roupas paisanas sobre o traje militar dão ao general um aspecto extravagante e maligno. Empertiga-se; agora a gente vê sua mão que tira a pistola do coldre de couro.

É uma arma empavonada, com a qual ameaçou a mocinha na cena de tortura. É uma pistola que parece de brinquedo por brilhar tanto. Parece de fantasia, mas é só aparência porque na parte que dispara e mata o velhinho trabalhador, impressiona a todos pelo seu estampido. Agora vê-se um grupo de trabalhadores. As mãos do militar. A mão da mocinha que acaricia a mão do trabalhador que se chama Vítor. Agora o general avança. Ouve-se um disparo. Aparece a fronte do general com um furo. Sai sangue. O lugar é iluminado e aparecem centenas de soldados que estavam escondidos. A luz vem dos holofotes dos tanques. Os tanques se põem em movimento até a barricada. Os soldados avançam atrás dos carros de combate. Subitamente ouve-se um vozerio. São trabalhadores marchando. São milhares e milhares. Toda a cidade se põe em marcha. Vê-se uma velhinha abraçando um trabalhador. Um menino adere à passeata montado em sua bicicleta. As multidões desfilam pelas ruas. Aparece um trem cheio de trabalhadores que já vimos nas cenas da fábrica. Os soldados permanecem em posição de sentido. Aparecem rostos de trabalhadores. Milhares. Vêem-se luzes como tochas e um ruído como se toda a terra se pusesse a marchar. Sobre a cara de Vítor — o trabalhador — aparece a palavra FIM.

Ao sair do cinema, pego na mão de Elisa. Faz frio e me dá um acesso de tosse. Ela me dá umas pastilhas de eucalipto que me acalmam. Passamos à outra calçada e escuto vozes como se estivessem cantando. Olho até o fundo da avenida e vejo os faróis amarelos de um chevrolet preto iluminando um grupo de trabalhadores que esperam detrás de uma barricada com uma serenidade que dá mais medo que o medo. Abre-se a porta do carro e a primeira coisa que se vê é uma bota preta de cano longo. Em seguida aparece a cara.

A PEDRINHA DE GUDE

Os dois meninos mergulharam e um deles agarrou uma pedrinha azul que brilhava. Depois de nadarem e boiarem um pouquinho, penetraram na nave. O menino aproximou o ouvido da pedra, como se quisesse ouvi-la e escutou o rugido de um tigre.

— Ouves o mar? — perguntou o outro.

— Não. O mar se derramou.

Enquanto a grande nave se afastava no espaço, o planeta Terra desaparecia de seu sistema solar.

Estava escondido no pequeno bolso de um garoto oriundo do enorme planeta AGAT.

METAMORFOSE

Com um sol de resplendores rubros, como se no ar estivessem matando alguém, chegou o enorme automóvel de Nabucodonosor Santa Cruz.

Todos os habitantes do povoado haviam sido retirados de suas casas à ponta de fuzil para que fizessem um corredor de honra à sua passagem e para que escutassem os discursos na praça.

Juan Pablo Padilla, ao lado de seu avô, observava a passagem do ruidoso cortejo. Quando viu o carro ladeado pelas motocicletas dos guardas, lembrou-se de que o avô sempre lhe dizia que o mar estava oxidando o país e que o azul e o verde não eram como os de antigamente e que tudo começara a se deteriorar desde aquela madrugada em que chegaram os soldados estrangeiros e mataram Juvenal Rosas, aquele que lutava pelos pobres e colocaram na presidência esse assassino Nabucodonosor Santa Cruz.

Um albatrós passou voando muito vagarosamente como se o fizesse entre o leve mover das asas e o próprio sonho.

Juan Pablo recordou-se daquela manhã cheia de neblina em que os capangas de Santa Cruz levaram mar adentro seus pais e mais dez pescadores e os afogaram sem piedade.

Um vento com cheiro de iodo sacudia as bandeirinhas de papel quando o Prefeito Eustorgio Ortiz começou o discurso. Falou das maravilhosas obras realizadas pelo Senhor Presidente e as virtudes que o adornavam e de seus enormes poderes que iam desde suas qualidades de exímio bailarino até sua capacidade para transformar-se em qualquer coisa.

Quando Eustorgio Ortiz disse isso, Juan Pablo gritou:
— Não acredito!

Nabucodonosor Santa Cruz exclamou: — Quem é que não acredita?

— Eu, respondeu em voz forte o menino. E acrescentou: — Não acredito que você se possa transformar em outra coisa!

Os guardas rodearam Juan Pablo e iam tirá-lo à força quando o Presidente disse:

— Deixem o menino em paz!

E Nabucodonosor Santa Cruz pôs-se a mirar lentamente o garoto e, em gesto brusco, despojando-se de seu paletó de linho branco disse:

— Vou lhe provar, garoto. Diga em que quer que me transforme.

— Em touro bravo, disse Juan Pablo.

Logo em seguida Santa Cruz se transformou em um touro bravo.

Quando recuperou sua própria figura sorriu e recebeu em troco o aplauso demorado de seus áulicos.

— Bom, mas não acredito que você seja capaz de se transformar em um rato, disse o garoto.

Nabucodonosor o olhou atentamente com sorriso irônico entre os lábios e os olhos e retrucou com força:

— Eu já sei essa história, pilantra, não me faça de bobo.

E logo em seguida se transformou em um gigante que devorava as pessoas.

Juan Pablo mais que depressa gritou:

— Mas você não é capaz de se converter em uma águia.

E Nabucodonosor Santa Cruz se converteu em uma águia.

— Pois bem, mas não é capaz de se transformar em tigre.

E Nabucodonosor Santa Cruz se converteu em um tigre.

— Mas, não é capaz de se transformar em um campeão mundial de boxe!

E Nabucodonosor Santa Cruz se converteu em campeão mundial de boxe.

— Mas, não é capaz de se transformar em cavalo piqueteiro.

E Nabucodonosor Santa Cruz se transformou em cavalo piqueteiro.

— Mas, você não é capaz de se converter em estrela fugaz!

E Nabucodonosor Santa Cruz se converteu em estrela fugaz, desaparecendo no céu para nunca mais voltar.

ALQUIMIA

Toma-se um pouco da carne de sol, o brilho de uma menina de olho de tigre, o vaivém de uma morena caminhando na praia, o ar que envolve o colibri recém-nascido, o sangue virgem e rumoroso de um touro bravio, agrega-se a tudo um pouco de vinho tinto e o calor de uma ilha do mar das Antilhas e, se se mistura enquanto se dança e se canta, sai uma Rosa.

A FERA

— Estou assombrado, Dom Ismael!

— Sim, é muito estranho.

— Jamais vi algum animal domesticado deixar esses rastros.

— Aqui há marcas de uma luta terrível. Meu cachorro se defendeu desesperadamente.

— Era um bom cão pastor, meu patrão.

— O melhor, manejava o rebanho sem permitir a menor desobediência. Os animais aprenderam a seguir suas ordens e aquele que saísse um milímetro da faixa de consentimento, haveria de sentir nas carnes as suas presas cortantes e pontiagudas.

— Sem dúvida. Era um exemplar que trabalhava com uma disciplina de ferro.

— Que animal selvagem e carniceiro o mataria? Essas não pareceram pegadas de tigre...

— Não, Dom Ismael. Sou velho caçador e jamais vi qualquer animal da montanha que tivesse tanta força e deixasse rastros tão inusitados como este que matou seu cachorro.

— Bom, que se há de fazer... vamos enterrá-lo.

— Vamos.

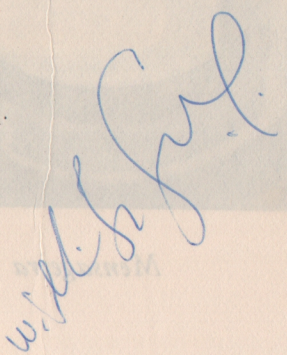
Os dois homens puxaram o corpo do cachorro e o conduziram até uma esplanada coberta de pasto jaraguá. Enquanto abriam um buraco para enterrá-lo, uma jovem ovelha se apartou do rebanho e se pôs a contemplar a cena de uma colina distante. Nos próprios cascos tinha rastros de sangue seco e seus olhos índios pareciam sorrir.

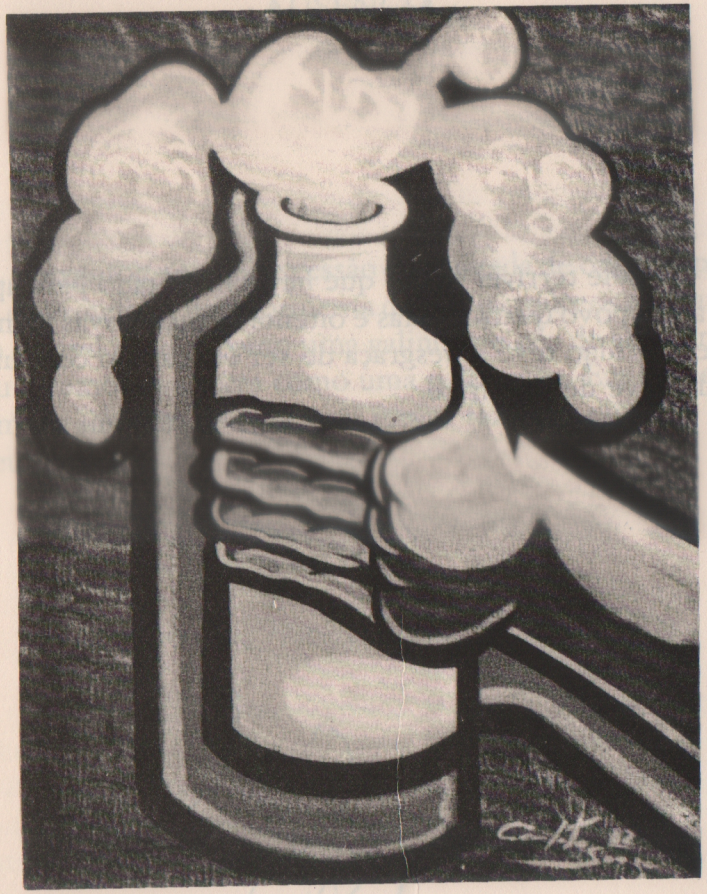
AUSÊNCIA

Levantou-se uma sucessão continuada de ondas espessas e vermelhas, uma tormenta de fios purpúreos se abateu em espiral e a dor como uma galinha de pés de aço começou a remover a terra como uma palpitação. Era tua imagem de mulher ausente que estava fazendo estragos em meu coração.

A VINGANÇA

Aquele terrível tirano que havia inventado para aplicar a seu povo quatrocentas e oitenta e cinco novas formas de escravidão teve a desgraça de ser executado com uma fatal chave de luta livre.





Mensageira

MENSAGEIRA

A garrafa deu na praia empurrada pelo mar.

Quando o homem a recolheu e conseguiu destapá-la saiu dela um halo contido de angústia e solidão.

Isto foi tudo porque, em verdade, só se pôde perceber o eco de um soluço, o único sinal da mensagem desaparecida.

A FEBRE DE OURO

Mister Bob Ford, de repente, caiu com o crânio inteiramente destroçado porque a galinha de ovos de ouro que ele estava a esquartejar no fragor de sua ambição o que realmente tinha, em suas entranhas, eram ovos de pólvora.

NÁUTICA

E o pequenino marinheiro navegando nos mares da noite viu surgir na baía dos sonhos a figura do terrível monstro marinho, tão grande como o mundo.

Girando medrosamente a cabeça, avistou no céu a estrela Aikaid e foi, assim, que pouco a pouco pôde se afastar do monstro e de sua imagem, reencontrando finalmente o rumo certo quando novamente brilhou em seu camarote o fiel farol de um pirilampo.

O BURRINHO DE BARRO

O vento que nascia na montanha chegou arrastando suas vestes sonoras e cortantes, chegou e se meteu dentro da noite.

O oleiro assomou à janela e pensou na mulher que amava.

Ela estava em um povoado distante e talvez, quem sabe, permanecia em outra janela vendo como, ao longe, o vento negro bailava ao som de uma imensa harpa celeste.

O oleiro viu a montanha negra e pensou nela; viu o espesso ladrido dos cães e pensou nela; viu os objetos com que trabalhava feitos de barro — o boi enfeitado, uma pomba com o ventre aberto para receber a planta, o tigre espantado, um burrinho também feito de terra endurecida — e pensou nela.

Viu, enfim, e, sem surpresa, a pele toda avermelhada sobre o próprio peito como se o coração fora em verdade a boca incendiada de um forno de olaria, e pensou nela.

Ela, em sua cama, no meio da negrura da noite começou a ouvir, cada vez mais nitidamente, um galopar de passadas curtas e macias como algodão. Foi assim que percebeu que se aproximava, em compasso certo, até a desabalada carreira, um burrinho de barro e que, montando-o, com o chapéu de couro na mão e com a cara brilhante, ele chegava.

A BORBOLETA BLINDADA

O pequeno combatente foi desarmado pela guarda imperial. Posto nu, frente a seus captores, sua carne jovem brilhava, em baixo da água gelada lançada pelos homens naqueles recipientes côncavos de madeira polida. Sua figura tiritante resplandecia debaixo do sol que, a sua vez, enchia de clarões rosados a enorme laje do cárcere.

Os muros da prisão se elevavam a uma altura não tentada antes por nenhum outro muro. Suas ameias estavam povoadas pelos indormidos olhos dos arqueiros. Seu portão se erguia atrás de um bosque de lanças. Suas muralhas permaneciam noite e dia flanqueadas por cavaleiros aos quais se lhes havia cortado a língua, montados sobre cavalos com os cascos cobertos de lã para fazer do assalto um assunto silencioso. Caíam tão silenciosamente sobre a presa que a punhalada surda só era interrompida pelo gemido da vítima.

Em frente à imensa mesa de carvalho, enquanto as risadas de seus captores contrastavam com os bigodes, pêlos e barbas que traziam na cara de todos eles escutou a voz alta e soturna:

Tudo o que você vê sobre a mesa é o que estava com você no momento de ser capturado. Como hoje é o aniversário do Imperador, foi concedida a você, por lei, a seguinte graça: você poderá tomar um desses objetos e tê-lo permanentemente a seu lado durante todo o tempo que estiver na prisão. Naturalmente você o devolverá, de acordo com a lei, no dia em que o verdugo vier cortar sua cabeça.

O garoto passou uma vista na coleção de objetos esparramados sobre a superfície da mesa. Ali estavam: sua querida espada, a lança que pertenceu a seu pai, o punhal que levava oculto na bota de feltro, a mochila de pão, um pedaço de queijo de cabra, a corda trançada por sua mãe, duas pedrinhas brilhantes, uma flauta, e um pequeno feixe de varetas de bambu. Olhou a todos os objetos e lhe pareceu, como em uma vertigem ou alucinação, que se tinham subitamente convertido em criaturas vivas, em gatos de bronze, em cachorros de centeio galopando sobre escaravelhos de fios de lã e o carvalho da mesa pareceu desaparecer dando lugar a uma poeira avermelhada levantada pela mancha dos aldeões armados.

Depois de algum tempo o garoto estirou o braço e tomou o feixe de varinhas de bambu. Os homens calaram e deixaram escapar um olhar desconfiado, seus olhos flutuando na manteiga da dúvida e da surpresa. Até que, de uma boca sombreada por uma cicatriz de punhal, surgiram as palavras:

— A verdade é que este garoto não passa de um idiota.

— Claro, disse outro que levava um punhal amarrado no braço.

Em vez de escolher a espada, levou umas varetas de bambu.

— E que vai fazer ele com isto? perguntou outro homem apoiando-se na própria lança.

As risadas chegaram ao paroxismo, quando o garoto, com voz quase sumida disse:

— Eu vou plantá-las.

O canto do galo ecoou na prisão. O garoto espreguiçou-se e, apoiando seus pés descalços nas fissuras quase imperceptíveis da parede de pedra, alcançou a clarabóia cheia de fuligem. Viu ao longe as altíssimas muralhas, escutou o estrondo das armas de bronze e lhe pareceu ouvir que algo suave e sinistro galopava na planície.

Sorriu porém, quando viu o verde de sua graciosa plantação.

As garças selvagens navegavam entre os ventos do verão e o garoto cortou cuidadosamente as varas e começou a armar estranhas figuras no solo.

— Que diabo estás fazendo? Perguntou um lanceiro meio bêbado.

— Geometria.

O lanceiro deu de ombros e se afastou resmungando.

A manhã daquele dia amanheceu transparente. O garoto pegou o estranho objeto que estava a montar, subiu às

altíssimas muralhas e ante o olhar estupefato dos guardas se lançou no espaço.

Segundos depois, desnudo e brilhante, voava até às montanhas em uma pipa armada com suas velhas roupas e as recém-colhidas varas de bambu.

ENTRE NUVENS DE CIDREIRA

Nicolás Forquera apoiou seus cotovelos sobre a cerca de madeira e contemplou o povoado envolto nos calores do verão. Era o povoado mais lindo da nação e seus habitantes mantinham o mais impoluto dos brancos sobre as paredes das casas, o mais vivo dos alaranjados nas telhas de barro, a mais transparente das águas saltando dos chafarizes da praça.

No ar permaneciam os traços do cheiro doce da cidreira, da menta e da alfazema, fragrâncias sobreviventes da última queima de ervas.

As ruas empedradas estavam bordadas por uma begônia aqui, um cravo além, e as rosas de dona Purificacion, viúva de Obaudo, se dependuravam nos balcões de ferro entre vasos de perfumes. O olho de Nicolás Forquera foi ferido subitamente por uma ondulação estranha, pela imagem de algo abrindo caminho, por uma cor estranha entre a sujeira e o pó. A perfeição das ruas, o branco das casas, as pedras polidas e o murmúrio das águas, os balcões trêmulos pelo peso das plantas, pelas flores das plantas, pelos insetos dourados sobre as flores das plantas, tudo estava ameaçado pela mancha recém-descoberta, como uma mancha de manteiga de porco no branco vaporoso de uma toalha de linho.

Como não havia se dado conta antes? Como não havia descoberto tamanha ameaça para o povoado mais lindo da nação?

Abriu a porta de madeira recém-pintada de seu jardim, e sem fazer caso de sua mulher que permaneceu lhe olhando detrás dos vidros com a reprovação no rosto, desceu rua abaixo, com o inútil paletó de brim branco na mão, tão rápido quanto lhe permitia o impulso de suas ancas.

Com estardalhaço tirou de suas casas a todos os habitantes. Os homens saíram com as faces enrugadas de preocupação, as mulheres rezando o credo e as crianças com a secreta esperança de que algo catastrófico ocorrera por fim.

Nicolás Forquera, pálido, com os lábios agitados por um leve tremor, recolheu os olhares sobre seus ombros, deixou que resvalassem por seu antebraço, por seu braço, por sua mão, e finalmente apontou até o Sul com a ponta de seu dedo indicador.

Todos ficaram estupefatos. As crianças puxavam as saias de suas mães e perguntavam o que havia passado e elas mandavam que calassem, com olhos cheios de lágrimas e raiva. Os homens afundavam os próprios queixos nos peitos, sem saber que fazer com os vultos enegrecidos de suas armas. Alguns começaram a escavar nas pedras com a ponta recém-engraxada do sapato. O dedo permanecia assinalando.

Era uma vergonha! Depois de tantas lutas para construir o povoado mais lindo da nação, depois de tantas batalhas que tiveram que travar para afastar daquele território a gentinha que o enfeava, aqueles caboclos feiosos que foram obrigados a sair com seus corpos amarelos e seus olhos de fera para fundar aquele outro vilarejo no vale, aquele montão de casas de latas que se estirava nos areais e do qual se desprendia de vez em quando um odor insuportável da sopa de pobre, depois de que, com as armas na mão, tiveram que tirar aos empurrões os recalcitrantes que se negavam a sair, que se agarravam como carrapatos às paredes de barro de seus ranchos, depois de que, com a ajuda do governo, tiveram que dar conta daqueles que reagiram a unhadas e ousaram combater, era uma vergonha!

Ao amanhecer, uma comissão viajou à capital para conferenciar diretamente com o Presidente. Dois dias depois obteve-se um donativo do Papa e os habitantes decidiram doar suas jóias para financiar a obra.

Era uma felicidade ver como chegavam os baús colocados na sala principal da casa consistorial, com anéis de casamento, brincos de filigrana, relógios antigos, braceletes, pedras preciosas e bolsas de pirata repletas de moedas com efígies estranhas e enrugadas pelo tempo.

Trabalhou-se noite e dia durante dois meses e meio. Quando a obra foi terminada, fazia meio dia que findara o verão e chegara o inverno com sua chuvinha raquítica. Debaixo de um bando de guarda-chuvas pretos, todos o contemplaram, pronto e acabado e se puseram de acordo em que, agora sim, mais além de toda a dúvida, aquele era o povoado mais bonito da nação.

Nicolás Forquera, envergando seu cheiroso traje de brim branco, olhou o novo cemitério e sorriu satisfeito.

A noite recortada na janela começou a trescalar o bom perfume dos jasmins do pátio. Zenaida de Forquera remexeu-se na cama, deu a volta ao leito, e descobriu a vela.

— Nicolás, não estás dormindo?

Estou pensando.

— Em quê?

Há de imaginá-lo.

— Que coisa?

Tenho que inaugurar o cemitério.

— É melhor que durmas.

Terá que ser algo memorável.

— Será sim, mas durma.

Só temos que esperar que alguém morra. Que tenha o privilégio de estrear com seus despojos o cemitério mais lindo da nação.

— E não se pode inaugurá-lo sem morto?

Como você é estúpida!

A mulher envolveu-se em sua manta e deixou que a fumaça do tabaco se perdesse entre o aroma dos jasmins.

As chuvinhas não refrescaram e um calor úmido saía da terra permanentemente. À noitinha, apenas estiou, todos levaram seus tamboretes para a calçada como em outros tempos, só que agora não esperavam a brisa, porém, sentavam-se à espera da morte. Nicolás Forquera, de pé entre a selva verde-arroxeada de papel de parede da sala, repassou mentalmente passagens de um discurso e logo pronunciou as palavras elegíaco, acaso, glória, obscuridade e lùz, palavras que começaram a voltear como resmungos em redor de sua boca luminosa..

Os velhos se fecharam em seus quartos, no mais obscuro do cheiro alcanforado, porque não puderam suportar os ansiosos olhares das gentes, os cochichos quando passavam, as apostas que as pessoas começaram a fazer sobre suas mortes.

Mas passavam-se os dias e ninguém morria. Quando o boticário Joselin Malagón sugeriu trazer para a inauguração um morto de outro povoado, a indignação dos habitantes da vila foi de tal magnitude que o desgraçado teve que ser encarcerado para sua proteção.

Nicolás Forquera envolto outra vez entre os vapores do tabaco e do jasmim, pensou que seria formidável que a inauguração coincidisse com a visita que nos próximos dias faria ao povoado o doutor Alfonso Pombo, ilustre candidato à Presidência da República. Apoiado em seu travesseiro, pareceu ouvir as músicas da banda e logo se viu ao lado do notável personagem cortando a faixa preta e dourada, com tesoura de prata. O dia o colheu tropeçando entre aplausos, sorrisos e apertos de mão.

Terça-feira, quando o fumo aromático começou a empapar o ar, Alberto Vargas esperou que as nuvens de cidreira subissem as escadas enfeitadas e penetrassem o quarto de seu tio Dom Apolinar Vargas. Escondido entre a névoa perfumada, acercou-se de sua cadeira de balanço e o apunhalou.

Já no estreito aposento do outro lado do corredor, Alberto Vargas deparou-se com aquele a quem sugerira trazer um defunto de outro povoado para a cerimônia de estréia. Olhou-o de cima a baixo, jogou a cabeça para trás e lançou com força uma cusparada! Logo sorriu satisfeito sem saber porém que, naquele momento, Dom Apolinar Vargas ainda respirava entre os ensangüentados lençóis do hospital.

O povoado continuou entre o sol e a chuva. As crianças com os narizes grudados nos vidros das janelas não se atreviam a matraquear a velha reza "chovendo e fazendo sol, rendamos graças ao Senhor" e entre gargalhadas mais ou menos contidas e a uma só voz, cantavam "Sol e chuva, casamento de viúva". Não se moveram tampouco quando chegou ao povoado o caminhão dos domadores de cachorros. Viram-no chegar e o deixaram passar com sua escandalosa cor avermelhada, suas bandeiras e suas músicas.

Os domadores de cachorros sentiram algo raro na atmosfera e, na mais inquietante melancolia, armaram a barraca. O velho Eutiquio, desamparado, começou a pregar os cartazes nas esquinas. O desfile com os animais foi o mais triste que haviam feito na vida. Debaixo da chuva fina, uns

homens e uns cachorros desfilaram como habitantes de outros mundos.

À noite, o refletor alumiou as arquibancadas vazias e os saltimbancos escutaram o clarinete de Paco Zaluaga como se fora um gemido de um animal enfermo de solidão. Nicolás Forquera espiando a madrugada pela janela viu o caminhão do circo afastar-se ao longe. Deu outra tragada em seu tabaco e neste momento foi sacudido pelas sinetas do portão. Fungando, tratou de abrir a porta. O postigo, em forma de coração dourado, emoldurou a cara apavorada de Jesucita de Jovar.

Dona Purificacion, viúva de Obaudo, havia se suicidado enforcando-se na rugosa árvore de nêsperas e flores, orgulho de seu jardim. Regressou à sua alcova, despertou Zenaida com a notícia e saiu vestido com o traje escuro reservado para as ocasiões memoráveis.

Às nove da manhã, Nicolás Forquera, de maneira solene, leu a carta deixada por Dona Purificacion, onde consignava instruções precisas para seu enterro. Ordenava que se colocasse uma placa comemorativa e que os discursos fossem publicados em forma de livro, ilustrado com os cravos sobre o azul claro e com as fotografias tiradas no dia de seu funeral. Em seguida, foram lidas outras cartas que continham seus versos e pensamentos, e, ao meio dia, todos abandonavam a sala rodeada de tapetes gobelinos com estórias de unicórnios e paraísos.

Dez minutos mais tarde, o telegrafista transmitia uma mensagem urgente do ilustríssimo doutor Alfonso Pombo, candidato à Presidência da República.

Aquela noite houve festa. Uma festa secreta que cada um celebrou em meio do silêncio, com brindes clandestinos, com músicas tocadas apenas naqueles lugares recônditos da memória. E coração adentro, sem que nada saísse, nem palavra, nem som, nem gesto, cada peito de homem, mulher ou criança, se transformou em um buliçoso salão de baile.

Nicolás Forquera definitivamente transladado a seu terno de tecido preto, viu ao longe, na estrada, um reflexo dourado deixando seu rastro. Olhou com ares marciais a comissão do Conselho Municipal e exclamou: Nada de gritos, nem de gestos descompostos. Lembrem-se que estamos de luto.

O espelho dourado dobrou na última curva e o Ford do Doutor Alfonso Pombo entrou na praça adentro tocando sua enlouquecida buzina.

Seriam doze horas do dia, porque o sol havia deixado sem sombra as árvores amarelas do parque, quando Nicolás Forquera tocou suavemente na porta. Teve que insistir várias vezes até que o doutor Pombo, em ceroulas e arrastando umas sandálias de borracha apareceu molhado de suor. Nicolás disse: O senhor pároco manda dizer que dona Purificacion — alma bendita — não pode ser sepultada em terra sagrada. Que era uma grande dama, que havia prestado grandes serviços à Igreja, mas que dispôs de sua vida e a vida não é senão um sinal de Deus e que com seu pecado, trocou a glória celestial pelo limbo eterno.

Olhou para a cara do doutor Pombo que permaneceu parado e ereto como uma figura de vitral e continuou:

— Quebramos a cara. Não há inauguração.

— Que aborrecimento, respondeu o doutor Pombo. Fudeu-se você, fudi-me eu e fudeu-se dona Purificacion, viúva de Obaudo.

Nicolás Forquera regressou em passo lento para sua casa, olhou a sua mulher com olhos suplicantes, pôs-se lívido e se deixou abater na cadeira de vime floreada.

Doze horas depois, enquanto a banda dos irmãos Pitalua tocava uma marcha triste, o corpo de Nicolás era conduzido ao cemitério por uma multidão em trajes novos e trescalando alfazema. Uma chuva leve caía com insistência e a gente pensava que aquele era o inverno mais calorento dos últimos trinta anos. A única coisa que faziam os aguaceiros era afugentar o calor da mata.

No interior do ataúde de carvalho, envolto em um sudário perfumado. Nicolás Forquera foi sacudido pelo angustioso pressentimento de que, quando começassem a jogar terra por cima dele, o pânico certamente o faria gritar.

ESPECTRO

E o tirano, assessorado por sábios estrangeiros, encheu o país inteiro com as cores da resignação. Não eram necessários senão uns quantos segundos para que as cores se metessem pelos olhos até os profundos socavões da fúria e transformassem os ossos e a carne em uma máquina perfeita de submissão.

Seu palácio estava protegido por enormes valas cheias de tintas coloridas, impossíveis de atravessar sem que se caísse, no mesmo instante, dominado pela fluorescência da subserviência.

Às três da madrugada de três de março, o tirano viu, sob seu pijama de seda, expirar como cão agonizante o animal de sua vida.

Os sábios estrangeiros descobriram que o matador fora um trabalhador da mina de enxofre que para cumprir seu sangrento propósito, a primeiro de março e com um instrumento pontiagudo e escarlate, havia arrancado seus próprios olhos.

O MENSAGEIRO NOTURNO

A noite o havia colhido. A chuva escorria pela aba do chapéu e sentiu que seus ossos estavam espremidos pelo gelado vento da noite.

Calcou as esporas na ilharga do animal e cavalgou velozmente sobre o brio e a dor.

No exato ponto da meia noite, frente à grande porta de madeira esmaecida na bruma ficou a esperar, montado em seu cavalo entorpecido e a proteger-se do frio.

Mais um tempo, escutou um arrastar de sandálias e a janela do convento se abriu com estrépito, deixando passar a amarelenta luz de uma vela. Foi reconhecido pelo porteiro que emitiu um grunhido.

— O Senhor Arcebispo o está esperando, disse. O encontrará na capela do Santíssimo.

O empapado cavaleiro percorreu os largos corredores ensombrecidos e desceu por uma escada de caracol até desembocar em um pátio coberto por um pequeno bosque de buganvílias. Ao fundo, um vitral de tons entre o carmim e

o azul abria um espaço na noite. Entrou e descobriu a magra figura do Arcebispo que orava com os braços em cruz, de joelhos sobre a laje fria. Suas esporas estalavam no silencioso templo enquanto o velho se erguia apressado.

— Trago más notícias, disse o cavaleiro.

O Arcebispo estremeceu e sussurrou: Morreu?

— Sim, foi terrível. Tudo ficou queimado a cem metros em redor. O fogo arrasou parte do bosque. Da casa sagrada não resta senão cinzas.

E seu cavalo? perguntou o ancião.

— Tampouco pôde escapar. Morreu carbonizado.

O Arcebispo caiu de joelhos. Alçou seus olhos cheios de água até a imagem do Ressuscitado e com a voz quebrada pelo pranto, exclamou: Senhor! Cumpra-se tua vontade. Tu nos destes. Tu nos tirastes.

Em seguida, olhando o cavaleiro desde o fundo de sua lagoa de lágrimas, sussurrou:

Bem que eu pressentia. Muitas vezes eu disse a São Jorge para que não se metesse com este dragão.

PERIÉLIO

O sol disparava fagulhas, o mar se cobriu de uma gaze incendiada e a gaivota que voava solitária desapareceu rapidamente como se as labaredas do sol tivessem incinerado seu vôo.

Teobaldo Pájaro sentia a areia ferver na sola de seus pés. Que coisa — pensou — é como se hoje tivéssemos amanhecido mais perto do sol. Colocou o casquete de basquetebol que lhe dera José Encarnación Padilha, o mesmo que ele usou naquela tarde de glória em que ele o roubou dos gringos e se pôs a andar em passo acelerado até o cais distante.

Ao passar ao lado do bosque de coqueiros ouviu, ao longe, um gemido. Parou e se pôs a escutar considerando que era raro que alguém estivesse vagando por estas paragens isoladas. Estremeceu ao recordar o que havia sucedido, no ano passado, com Facundo Rodrigues. Bem que o ouviu cantar. Por três dias com suas noites o ouviu cantar por entre os penhascos. Imaginou que Facundo estivesse bêbado, que viera por aí sem rumo a esta praia solitária com seu barco cheio de garrafas de todos os tragos do mundo e que se pusera a beber por obrigação. Mas não. Há cinco

dias que Facundo se afogara. Cinco dias em que os caranguejos o estavam comendo em uma cama de pedras pontiagudas.

Pensou seguir ao largo mas não quis arriscar ter outro morto para cantar nas costas. Preferiu assim seguir a direção dos coqueiros buscando o dono do gemido. Não havia caminhado uns cinqüenta passos, quando debaixo de uma palmeira, viu o dourado corpo de uma menina. Acercou-se temeroso e deparou com uma garotinha formosíssima, com olhos luminosos, e as mãos trêmulas tratando de abrigar seu agitado peito.

— Tenho frio, disse a menina.

Frio? exclamou incrédulo Teobaldo.

— Sim, estou morrendo de frio.

Pobrezinha, pensou o pescador. Deve estar muito doente. Talvez seja isto que chamam de febres malsãs. Será melhor que a leve ao rancho. Ali posso lhe dar ao menos um copo de água.

Tratou de levantá-la, mas recuou espantado. O corpo emanava um calor de ferro incandescente.

— Caramba, garota, gritou. Você está fervendo de febre.

— Não tenho febre. Tenho frio.

— Quer vir um instante em minha casa?

— Sua casa?

— Sim. Meu barraco não está longe daqui.

— Longe?

Teobaldo Pájaro fez nova tentativa para tomá-la em seus braços mas quando tocou um de seus ombros, sentiu o ardor de uma queimadura de ferro quente na mão. Recuou e caiu em dúvida, envolto por verdadeiro estupor.

A menina levantou-se com muita dificuldade e esperou, quieta, até que o homem começou a caminhar. Foi seguindo ele de perto. Dolorosamente. De vez em quando compridos cabelos despenteados pelo vento que soprava do mar deixavam escapar um perfume quente, como de alfazema. Em seguida, pôs-se a dizer palavras estranhas, metade canto, metade uivo, metade grito, metade silêncio, metade serenidade e metade desespero.

Na choupana, o homem lhe ofereceu água fresca do pote de barro. A garota recusou. Deixou-se cair perto da tosca lareira e disse com voz débil:

— Tenho frio.

Teobaldo sentou-se no baú de madeira e permaneceu a olhá-la. As contorções da menina, seu rilhar de dentes, seus gemidos de cachorro moribundo causavam a Teobaldo dor e aflição. Pouco a pouco ela pareceu extinguir-se e Teobaldo Pájaro olhou o mar e seus olhos se encheram de lágrimas, porque descobriu, como em uma revelação, que essa criatura que se estava apagando essa manhã, havia caído do sol.

O ENCONTRO

O homem de pele de cobre, de porte altivo e nobre caminhava lentamente sobre a praia molhada. O mar em seu vai e vem a ele chegava em borrifos de perfume maduro e a cor das ondas esparramadas parecia festa de glicínias.

Logo descobriu pegadas humanas sobre a areia. Foi então sacudido por um frêmito de alegria. Já não estava só na ilha. Seguiu o rastro até que nas dunas de areia rosada, onde as tartarugas vinham botar seus ovos, encontrou outro homem. Então lhe falou. O outro parecia não entender nada e recuou, encolhido, com o medo enrugando-se na pele da cara. Seus lábios partidos pelo vento e pelo salitre tremiam e suas narinas vibravam ruborizadas.

O homem de pele de cobre pensou que devia dar um nome a seu companheiro de aventura. Decidiu colocar o nome daquele dia. Consultou a tabuinha de madeira em que levava a conta do tempo e se deu conta que era o último dia da semana.

Observou os olhos verdes, a barba de ouro, a pele de azougue e para que o nome não depreciasse o orgulho do

homem recém-encontrado, disse-lhe: De hoje em diante te chamarás Segunda-Feira, que é o primeiro dia da semana.

DAS CRÔNICAS DA CIDADE

O Senhor Presidente, ostentando seu lenço empapado de água de lavanda, passeava pelo mercado público em cumprimento da promessa que fizera em sua campanha eleitoral, de, a cada oito dias, se pôr em contato com o povo. Saltou com agilidade uma pequena poça de água podre e se pôs a estreitar as mãos suarentas e de uma aspereza de pedras de vulcão. Logo em seguida se deu conta que seu finíssimo relógio de ouro desaparecera. Empinou-se na ponta de seus sapatos de verniz e percebeu quando um garoto passou a correr desabaladamente. Com todas as forças de seus pulmões gritou:

— Ladrão! Agarrem o ladrão! Matem o ladrão!

Aí, então, a multidão mobilizada avançou contra o ladrão. Sua guarda pessoal só pôde resgatar um par de ensangüentados sapatos de verniz.

LILIPUT

E o oficial, com sua bota ferrada de cravos, derrubou, de um golpe, a porta e penetrou ciscando com o focinho de sua metralhadora. Deu só dois passos porque se viu rodeado de um tamborete gigantesco e de uma mesa descomunal e ficou estupefato ao contemplar um vaso de beber água de dois metros de altura.

Abandonou espantado a casa e quando corria pela rua sentiu que em sua nuca se colocara o duro olhar de Epifânio Epitia, trabalhador metalúrgico, nascido a três de maio de mil novecentos e quarenta, de cor trigueira, e tendo como sinais particulares uma cicatriz no ombro esquerdo, com apelido "Mindinho", estatura um metro e cinqüenta e cinco centímetros.

A FONTE DA ETERNA JUVENTUDE

E contam que Dom Gonzalo Fernando de Vivar y Montero, durante a conquista, procurou afanosamente por estas terras a fonte da eterna juventude. Em meio dos pântanos, na selva, nos desertos, registrou o ar, observou o lugar onde nascem as águas, investigou de boca em boca as velhas lendas. Em seu cavalo malhado vagou muitos anos por estes lugares até que um dia, percebeu uma pequena mudança; algo assim como um anúncio, como um sinal. Uma transformação do ar, da cor das árvores, do cheiro da água. Avançou até uma clareira do bosque e presenciou um espetáculo que o deixou maravilhado. Um tigre, corpulento e feroz, rugido manchado de amarelo, as garras poderosas e fortes, os olhos girando, buscando em que fincar os dentes caninos e o destroçar, frente aos inimigos que o esperavam serenos com ar de quietude no corpo. O tigre gigantesco deu um salto no ar, como flecha, rugiu, caiu levantando as folhas do chão, virou pronto para continuar o ataque, até que sentiu o feroz golpe, o mortal rasgão, a sangrenta ferida no ventre. A borboleta o havia feito prisioneiro; havia dado a mortal ferroada e o tigre começou a fenecer sob a vibradora luz de suas asas.

Dom Gonzalo acariciou sua barba de noventa e cinco anos de extensão, esporeou seu cavalo e penetrou na floresta úmida. Naquele dia de graça de San Martin, em meio a frescas ervas, com pássaros dourados dando voltas de carneiro na relva, com roedores de olhos prateados dormindo a sesta, nas suas margens encontrou a fonte da eterna juventude. Desceu de seu cavalo malhado e trêmulo ajoelhou-se em terra declarando aquela fonte propriedade de Fernando e Isabel de Castela, tirou de sua armadura o grande escapulário bento pelo Papa, penetrou na fonte, avançou enquanto entoava cânticos de bendição a Deus e a Maria Santíssima, e morreu afogado em suas turbulentas águas.

FUNDIÇÃO E FORJA

Superman imaginou tudo, completamente. Menos que cairia derrotado naquela Praia quente e que seu corpo fundido serviria apenas para fazer três dezenas de parafusos de aço de regular qualidade.

RECADO PARA BORIS KARLOF

Passos esotéricos que lentamente sobem pelas escadas de assustada madeira. Algo como de vento e seda e rastro perfumado. Girou vagarosamente a aldabra de bronze, foi filtrando a sombra e o som e quando surgiu, subitamente, a figura da bela, o pobre monstro, do outro lado, acocorado, depois de haver gasto três lâmpadas de angústia — ante a aparição — enlouqueceu de terror.

A ARMADILHA

Arrancou, uma a uma, as escamas dos olhos do lagarto e viu, no fundo de seu relâmpago dourado, o crepitar da borrasca. Em cima um sol imenso parecia galopar nos infinitos campos do ar. Jamais tinha se acostumado àqueles sóis que pareciam não caber no céu, e ao mesmo tempo, sentir que a umidade subia pelas pernas, como formigas de agua. De todas as maneiras, eram coisas da milícia, e ele, antes que tudo, antes que qualquer coisa, era um militar. Viu a seus homens preparados, com os dedos crespos e alinhavados nos gatilhos das armas e deixou escapar uma certa transparência de orgulho. Tropa da melhor qualidade, perfeitamente adestrada e equipada. Homens de aço. Fazia três horas que estavam esperando e ninguém se movia, ninguém dava mostras de fadiga. Hoje, pensou, regressaremos ao quartel com as botas salpicadas de glória. A emboscada era perfeita. Deixariam que eles avançassem até o rio e logo lhes barrariam com fogo cruzado. Não ficaria um só para contar a estória. Uma mosca, enorme e domada, passou trazendo ruído ao ar e um camaleão perdeu seu fulgor, empalhado na boca de uma cobra.

A um sinal do sargento, descobriu o movimento de montaria. Ali estavam. Sentiu uma opressão na boca do es-

tômago quando, lentamente, como descascando uma laranja pera bem madura, tirou do coldre sua pistola automática. Em seguida, pipocou no ar uma chuva de disparos.

Enquanto a selva parecia subir ao encontro dos estampidos do sol, enquanto sentia na boca a agridoce espessura do sangue, escutou o berro do sargento; Meu tenente, eles nos emboscaram.

DAS CRÔNICAS DO IMPÉRIO

As cerejeiras haviam florescido. Seu perfume voava com asas de pássaro transparente e sua fragrância pareceu crescer quando a mulher abriu a porta do palácio.

A mulher, uma velha de olhos acinzentados, tinha um rosto estranho. Isto talvez se devesse a que, em meio a uma epiderme cinza e cruzada por rugas como cortes profundos de punhal, palpitavam olhos vermelhos, frescos e luminosos, de garota. A pele de suas mãos excedia o tamanho das mesmas como luvas de seda de medida maior que o necessário. Entrelaçou os dedos, olhou através da janela até o ar limpo do jardim e disse: Senhor Presidente, trago boas notícias. Os comunistas foram derrotados no mundo inteiro. Eliminamos de uma vez por todas esta ameaça. Podemos respirar tranqüilos. Nossa liderança mundial será eterna.

O Presidente sorriu. A mulher recuando, abandonou o quarto. Na metade da ala arborizada foi alcançada por um funcionário que teve a ousadia de agarrá-la por um braço. Olhou-a intensamente nos olhos e falou nervosamente: Senhora, por que disse isso, se a senhora sabe que ocorre exatamente o contrário. Por que mentiu?

A mulher exclamou: Solte-me, senhor Secretário de Estado. Disse isso porque sou a mãe do Presidente.

Seus lábios carnudos tremeram sacudidos por um hálito de pranto e acrescentou: E, além do que, você sabe que o Senhor Presidente está morrendo.

ARTE DE ESCREVER MÚSICA

Suas mãos caíam com a energia de um ferreiro amoroso e desafiavam sobre as teclas a espinha dorsal da melodia revolucionária. Quando os policiais e os detetives irromperam com o alarido de suas armas, o pianista não interrompeu seu trabalho e seguiu tocando até que um dos tiras disparou sua metralhadora contra o piano.

No carro policial, atado e sangrando, o músico pensou em seu piano e o recordou como um querido elefante com os sonoros intestinos expostos ao ar. Sorriu com a comparação, com a imagem do gordo amigo de madeira e metal mancomunado com ele, em tantas façanhas musicais. O fio verde estalou logo em cima da lamparina salpicada pelo cocô de moscas, e o militar, oculto em um canto da cela, fez um sinal a um homem gordo, que sorriu e mostrou, mesmo no escuro, o brilho de seus dentes de ouro. Avançou e, com uma barra de ferro, esmagou as mãos do pianista.

Quando o retiraram do quarto de torturas e lhe disseram que podia ir-se para que servisse de escarmento a todos os que se dedicavam à subversão, o músico meteu dolorosamente suas mãos destroçadas nos bolsos de sua ja-

queta, olhou a cara dos verdugos e, decididamente, saiu assoviando a mesma música pelo largo e desolado corredor.

CONTROLE DE NATALIDADE

E escutou o gringo em muitas ocasiões e o acompanhou por povoados e campos, alertando a pobreza sobre o perigo de ter muitos filhos. Compreendeu que o futuro era terrível e escuro pelo nascimento de milhões de crianças, pelo aumento de tantos pobres que um dia não caberiam na face da terra.

Fez-se muito amigo do gringo, e como a amizade há que demonstrá-la a cada instante e como, para cada um de nós, um amigo é como um irmão, uma noite, ajudado por vários camponeses, o castrou, para que recaísse sobre o gringo toda a felicidade do mundo...

A FUGA

Os latidos dos cachorros rasgaram a suavidade da fuga e o homem preto tomou pela mão a mulher, tão preta como ele, e correram pelo meio do canavial. Logo depois escutaram o estrondo dos cascos dos cavalos e os gritos de seus perseguidores.

Está escutando os latidos dos cachorros? perguntou a mulher.

Estão se aproximando, respondeu o homem.

Que faremos?

Não fique parada. Vamos.

E o casal deslizou no túnel do suor, afastou com seus braços as canas já escuras e se precipitou na noite.

O fazendeiro, olhos acinzentados de caçador noturno, levantou-se sobre os estribos e gritou: os latidos dos cães vêm da direção do mar. Tratem de chegar à praia.

Logo fez um disparo e conseguiu uma resposta unânime das espingardas.

A mulher caiu exausta entre as folhas do chão. Com seus grandes olhos africanos disse a seu homem que a abandonasse, que enquanto os cães a devorassem, ele poderia chegar até o mar. O homem tomou outra vez a mão da mulher e recomeçaram a carreira.

De início as duas sombras pareciam trotar. Logo depois galopavam, enquanto ouviam o caminhar obstinado dos cavalos e a sinistra algazarra dos cachorros.

O homem negro sorriu quando foi tocado pela espuma e estalou em uma vibrante gargalhada quando descobriu a luz mortiça da barca que os esperava. Correram por sobre a praia úmida, deixaram de lado a dor e as câimbras, e com as bocas abertas, ressecadas e desejosas e, com os nervos tensos, mergulharam no ar. Em seguida, o homem parou bruscamente. Olhou até a barca, e com o rosto ensombrecido, disse: E esses latidos?

A mulher tomou o homem pela mão, com força, e recomeçando a fuga, exclamou: São os de meu coração.

CÓDIGO PENAL

Este é um país de leis. Desde os albores da nacionalidade temos sido regidos pela sacrossanta união da lei e da ordem.

Mas você se tem colocado criminalmente à margem, por suas atividades subversivas, por seus atos ilegais que atentaram contra as instituições republicanas. Por isso você foi condenado à morte.

A Justiça, porém, de uma maneira magnânima lhe permite, de uma maneira generosa, a satisfação de seu último desejo. Esse desejo será garantido e juridicamente respeitado. Tem força de lei. Como você vai morrer agora, pode expressá-lo nestes últimos momentos.

O condenado, com voz clara e forte, exclamou:

— Meu último desejo é que executem o carrasco.

A CASA DE OURO

É certo que eu era um dos animais mais velozes da terra, disse a tartaruga. E, acrescentou: É certo que eu ganhei a lebre na corrida e que venci a Aquiles. Tudo isso se passou quando tinha o corpo desnudo. Sentia sobre minha pele o ar e o vento e era forte e veloz. Mas, um dia, decidi que devia ter um palácio. Aí então construí com os melhores materiais uma morada que fosse esplêndida e indestrutível. Elaborei lâmina por lâmina, como um ourives, a concha. E me meti nela. Entrava e saía quando me dava na telha e vivi um momento de completa tranqüilidade. Mas ocorreu que pouco a pouco a casa começou a criar garras para sujeitar-me, e, uma manhã em que a chuva me convidou a correr em liberdade pelo bosque, dei-me conta de que não podia sair porque minha casa me havia feito prisioneira para sempre.

síntese que, longe de empobrecer a escrita, marca um avanço da nova geração de autores latino-americanos.

A modernidade de Anibal está neste contraste entre a economia da palavra e a profusão de imagens, cenários e personagens numa mescla de lirismo, poeticidade e sensibilidade em relação ao popular.

Os humildes, os sábios têm acesso a um espaço de luta direta ou sutil, irônica, apaixonada ou vingativa frente ao opressor travestido de general, latifundiário ou "gringo".

O povo latino-americano e a narrativa encontram aqui um momento de dignidade.

Jairo Anibal Niño é o mais importante dos contistas contemporâneos da Colômbia. Seu livro "Puro Pueblo" já alcançou três edições; "Zoro", I Prêmio Nacional de Literatura Infantil, está em segunda edição e "Toda la Vida" vai agora a nova impressão.

Os contos de Anibal Niño são pequenos poemas. Neles é saliente o jogo de cores.

Em rápidas pinceladas, em muito curto espaço gráfico, o jovem contista colombiano compõe cenários inteiros onde as estórias, do início ao desfecho, podem se centrar com naturalidade e sem perder, de modo algum, a força de mensagem.

A divulgação no Brasil da obra de Anibal Niño poderá contribuir para abrir novas veredas em nossa literatura porque além da beleza de que é impregnada ela aponta o caminho concreto da concisão, tão necessária ao tempo moderno.

MAIS UM LANÇAMENTO PAZ E TERRA
UMA EDITORA A SERVIÇO DA CULTURA